

O SUJEITO EM FOUCAULT

Maria Fernanda Guita Murad

Foucault é bastante contundente ao afirmar que é **contrário à ideia de se fazer previamente uma teoria do sujeito, uma teoria *a priori* do sujeito**, como se fosse possível supor a existência de uma essência humana que tivesse sido mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos de repressão a partir de processos históricos, econômicos e sociais. **O autor postula que o sujeito é histórico, mas produzido na sua própria história e pela história que o permeia através do que denominou de uma “história da verdade.”**

O sujeito, para o autor, se constitui pelos **“jogos de verdade”** aos quais se encontra assujeitado e também, ao mesmo tempo, com certa margem de liberdade, podendo romper com tal assujeitamento. Os **“jogos de verdade”** referem-se a um conjunto de **regras de produção da verdade e de mudanças das regras que produzem tal verdade**. São chamados de “jogos de verdade”, por serem **um conjunto de procedimentos pelos quais a verdade é instituída e desinstituída pelos sujeitos por meio de práticas**.

Conforme Foucault, **o sujeito não é uma substância, mas mais aproximadamente, uma forma**. Porém, essa forma também não é idêntica a si mesma. O sujeito não tem consigo próprio o mesmo tipo de relação enquanto sujeito político e enquanto sujeito de uma sexualidade. **Em cada relação que estabelece, se posicionará de uma forma diferente. Há, então, várias formas de sujeito conforme as relações que este estabelece com os diversos “jogos de verdade”**. A **constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito** é o que interessa a Foucault. O objetivo de Foucault é **criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornaram-se sujeitos**.

Esses **modos de subjetivação** são as **práticas de constituição do sujeito**. Essas **práticas** referem-se às **formas de atividade sobre si mesmo**. O autor se utiliza dos conceitos de **“práticas de si”**, **“técnicas de si”** e **“cuidado de si”**, extraídos da antiguidade grega, para analisar a forma pela qual **o sujeito se constitui**.

Foucault define as **práticas** como **a racionalidade ou a regularidade que organiza o que os homens fazem, tendo um caráter sistemático e recorrente girando em torno da ética, do poder e do saber**. Constituem, portanto, uma **experiência**. As **técnicas** se referem ao **caráter reflexivo e de análise que acompanha as práticas**, são as **táticas e as estratégias**, ou seja, são os meios e os fins com que as práticas são utilizadas. Trata-se, conforme o autor, de um **“jogo estratégico” onde a liberdade do sujeito é evidenciada**. As **“práticas de si”** e as **“técnicas de si” implicam, portanto, uma reflexão sobre o modo de vida, sobre a maneira de regular a conduta, de fixar para si mesmo os fins e os meios**.

Conforme Foucault, essa concepção evoluiu por toda a antiguidade como uma **“história do cuidado de si mesmo”**. Para o autor, esta se constitui numa maneira de se fazer a **história da subjetividade**, mas não através de categorias distintas entre loucos e não loucos, doentes e não doentes, criminosos e não criminosos, **mas através das formações e transformações das “relações consigo mesmo” que ocorreram na cultura**. **Ou seja, através das práticas e das técnicas de si**. Como práticas e técnicas do cuidado de si mesmo podemos ver na antiguidade os ritos de purificação, as técnicas de concentração da alma, as técnicas de retiro entre outros.

O **“cuidado de si”** constituiu, na antiguidade, o modo pelo qual **a liberdade individual foi pensada como ética**. A ética se referia a maneira de ser e de se conduzir. Conforme o autor:

“Para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era preciso ocupar-se de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer __ eis o aspecto familiar do *gnôthi seauton*__ e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.” (FOUCAULT, A Ética

do Cuidado de Si como Prática da Liberdade, 1983, p.268) grifo nosso.

O **“conduzir-se”** é a maneira como se deve constituir a si mesmo como **sujeito moral, mesmo agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código moral**. Foucault diferencia código moral da moral referente ao sujeito moral, ou seja, **diferencia códigos de comportamento das formas de subjetivação**. O código moral seria o resultado do conjunto de aparelhos prescritivos e também um jogo complexo de elementos que se compensam e se anulam, permitindo compromissos e escapatórias. **A moral, referente ao sujeito moral, seria o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos pelo código moral:**

“...designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, **pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão**, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem consciência mais ou menos clara.” (FOUCAULT, O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si, 1983, p.211) grifo nosso.

O autor enfatiza que em referência ao código moral há diferentes maneiras de o indivíduo “se conduzir” moralmente, **diferentes maneiras para o indivíduo não operar apenas como agente, mas como sujeito moral da ação**. Por mais rigorosa que seja a prescrição **o sujeito terá várias maneiras de praticar a ação**. Estas se referem à **substância ética, ou seja, a maneira pela qual o sujeito deve constituir um aspecto dele próprio em sua conduta moral**. Essas diferenças incidem sobre o **modo de sujeição**, sobre a maneira pela qual o indivíduo se relaciona com a regra e se reconhece na obrigação de sua prática. **O “conduzir-se” trata dos movimentos contraditórios da alma.**

O autor ressalta a condição de “sujeito moral”:

“Há também diferentes possibilidades nas formas de ‘elaboração’ do trabalho ético realizado sobre si mesmo, **não apenas para tornar seu comportamento conforme uma regra dada, mas sim para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral de sua conduta**” (id.,p.213) grifo nosso.

“Na verdade toda ação moral implica uma relação com o real que ela se realiza, e uma relação com o código ao qual ela se refere; **mas também implica uma certa relação consigo mesmo; esta não é simplesmente ‘consciência de si’, mas constituição de si como sujeito moral, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele próprio que constitui esse objeto de prática moral, define a sua posição em relação ao preceito que ele acata...**”(ib.,p.213-214) grifo nosso.

“... **não há constituição do sujeito moral sem ‘modos de subjetivação’** e sem uma ascética ou práticas de si que os fundamentem.” (ib.,p.213) grifo nosso.

Em seu artigo de 1984, “A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade”, o autor irá ressaltar que procurou mostrar **como o sujeito se constituía de uma forma determinada, através das “práticas de si” que se constituiriam a partir dos “jogos de verdade”**. Ou seja, **como o sujeito se constituía na sua relação com a loucura, com a delinquência, com a sexualidade, com o trabalho, na sua própria diferença consigo mesmo e diante daquele que o declarara louco, delinquente ou imoral.**

Conforme o autor, no texto supracitado, **o sujeito irá se constituir de uma maneira ativa através das “práticas de si”, as quais não são inventadas pelo próprio indivíduo, mas são esquemas que ele encontra em sua cultura, que lhe são propostos e impostos por esta. As “práticas de si” são um exercício de si sobre si mesmo através do qual o sujeito procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser.**

No texto “O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si” (1983), Foucault trata das **“práticas de si” com referência à história da sexualidade. Define a sexualidade como experiência, concebendo a experiência nas suas ambivalências e contradições, entre**

diferentes culturas, e também na correlação em uma mesma cultura, entre campos de saber e formas de subjetividade.

O autor começa por analisar **o processo de instauração de regras e normas pelo qual o indivíduo foi levado a dar sentido e valor à sua conduta, aos seus deveres, aos seus prazeres e aos seus sentimentos. Ou seja, quais os “jogos de verdade” em que o sujeito se constituiu como sujeito da sexualidade, sujeito do desejo, assujeitado ao que seria a verdade do seu ser.**

A proposta do autor é **saber que elementos compõem essa história da verdade.** Esta deve ser analisada a partir das **problematizações por meio das quais o ser se apresenta como podendo e devendo ser pensado, e das práticas a partir das quais elas se formam.** Esta seria uma **análise dos “jogos de verdade”, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência.**

O autor afirma que **na Grécia antiga, os prazeres sexuais foram problematizados através das “práticas de si”.** Foucault propõe uma genealogia do homem de desejo da antiguidade clássica ao cristianismo. Ao analisar as formas de **problematização,** veremos no que diz respeito ao ato sexual, **que o cristianismo o teria associado ao mal e ao pecado, enquanto a antiguidade o teria dotado de significações positivas.** O cristianismo desqualificava a relação entre indivíduos do mesmo sexo, a Grécia a exaltava.

Contudo, **havia também referências à filosofia pagã no cristianismo e apelos a modelos de austeridade na Grécia antiga.** Há textos na antiguidade valorizando a fidelidade conjugal e alertando para os males da experiência sexual sem fecundidade nem parceiro. O desvio do prazer como tentação é valorizado tanto no cristianismo quanto na Grécia antiga. **Nestes últimos era a marca do domínio que exerciam sobre si mesmos que os tornava capazes de, portanto, exercer um poder sobre os outros. Portanto, eram as “práticas de si” que determinavam a moral vigente.**

O autor ressalta que na antiguidade o elemento forte dos **conceitos morais era baseado nas formas de subjetivação e nas “práticas de si”.** A ênfase é posta na relação

consigo mesmo, como objeto a se conhecer e nas práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser. **São morais orientadas para uma ética**. Foucault irá lembrar que as **“práticas de si” orientaram muito mais as reflexões morais na Grécia do que os códigos morais**.

Portanto, há uma **diferença fundamental: no cristianismo havia um sistema coercitivo organizado por uma moral unificadora, já entre os gregos eram propostas e não imposições acerca de uma moral, uma espécie de virtude alcançada através de “práticas de si” em relação à moral admitida**.

Em “O Sujeito e o Poder” (1984), Foucault reafirma **que seu objetivo em todos os seus anos de trabalho não foi analisar o poder, a sexualidade ou a loucura, mas sim a partir das diferentes formas como o sujeito se configura nessas relações, saber como os seres humanos se tornam sujeitos**.

Foucault analisará o poder observando como as **“resistências”** atuam contra as diferentes formas de poder. As **“resistências”** do sujeito são uma recusa a qualquer forma de poder que faz dos indivíduos “sujeitos à”. **Elas incidem contra a submissão da subjetividade**.

O autor enfatiza que o poder só se exerce sobre sujeitos livres. **Não há confronto entre poder e liberdade, ao contrário, a liberdade é condição de existência do poder**. A relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem ser separadas. Não há um antagonismo entre poder e liberdade, mas um **“agonismo”** (combate), **uma relação de incitação recíproca e de luta de forças. Viver em sociedade é viver em “relações de poder”**.

Foucault postula a **“intransitividade da liberdade”** presente nas relações de poder, ou seja, **não há relação de poder sem “resistência”**. Para o autor, são as **“relações de poder”** que legitimam o poder. **São ações de uns sobre outros**.

O autor afirma que o exercício do poder se refere à ordem do **“governo”**. Trata-se do governo dos homens uns pelos outros. **Governo é utilizado para designar a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos. Defende a “arte” de governar. A arte de governar implica dobrar as forças sobre si, numa relação consigo mesmo, para então exercer o poder sobre o outro.**

Foucault em **“A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”** (1984), **defende a ideia de que nos “jogos de verdade” existem sempre “relações de poder” e que estas são inerentes ao próprio processo.** Contudo, ressalta que nesse percurso possa haver **o uso da verdade como instrumento de dominação, o que seria um desvio da ética que acompanharia esse processo.**

Distingue, então, **“relações de poder” e “estados de dominação”**. Nas **“relações de poder”** ocorreria a prática de jogos estratégicos entre liberdades e nos **“estados de dominação”** o sujeito ficaria restrito como sujeito de direito pelo poder político onde os **“jogos de verdade”** não dariam margem a uma inversão da situação.

Contudo, afirma que **será nessa obrigação de verdade que a cultura impõe, justamente sobre o poder das instituições encarregadas de produzir a verdade, que é possível também que se exerça um outro poder, exercer-se a “resistência” e buscar-se outra possibilidade racional.**

“É certamente nesse campo da obrigação de verdade que é possível se deslocar, de uma maneira ou de outra, algumas vezes contra os efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições encarregadas de verdade.” (FOUCAULT, Ditos e Escritos, A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade, 1983, p. 280) grifo nosso.

E acaba por concluir de forma categórica que quase sempre haveria a possibilidade de **“resistência”**:

“... um poder só pode se exercer sobre o outro na medida em que ainda reste a este último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que nas relações de poder há necessariamente a possibilidade de

resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência - **de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação** -, não haveria de forma alguma relações de poder.” (FOUCAULT, Ditos e Escritos, A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade, p.277) grifo nosso.

Vemos, portanto, que Foucault não define o sujeito, mas sim, realiza uma **“história da verdade”**, onde busca saber quais **“jogos de verdade”** estavam presentes nos indivíduos na sua relação consigo mesmo e em relação à cultura e que os tornaram sujeitos.

Através das **“práticas de si”** e do **“cuidado de si”** os homens tornam-se sujeitos de uma maneira ativa. Estas estão relacionadas aos **“jogos de verdade”**, isto é, como o indivíduo se posiciona, num exercício de si sobre si mesmo, se transformando, elaborando um modo de ser diante de valores instituídos como a loucura, a doença, o trabalho, o crime e a sexualidade. A **“resistência”** resulta em **“práticas de si”**, onde o sujeito exerce uma relação consigo mesmo e também com a cultura, possibilitando uma transformação e nova produção de **“jogos de verdade.”**

A partir do pensamento de Foucault sobre a **constituição do sujeito de maneira ativa**, através da **“resistência”**, dos **“jogos de verdade”**, das **“práticas e técnicas de si”**, do **“cuidado de si”** e do **“conduzir-se”**, propomos pensar-se na situação clínica, nas possibilidades do sujeito de subverter os assujeitamentos, inventando novas posições subjetivas.

Referências bibliográficas:

CASTRO, Edgardo. (2009). *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica.

FOUCAULT, M (1983). O sujeito e o Poder. In Rabinow, P e Dreyfus. *Foucault, Uma Trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. (1983). O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. In op. cit vol V.

_____.(1983). Michel Foucault entrevistado por Hubert Dreyfus e P. Rabinow____
Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In Rabinow, P e Dreyfus, op. cit.

_____.(1984). *A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade*. In op. cit.
Vol V.

Rio, 10 de agosto de 2010.

- A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.